

A FAVOR DA EDUCAÇÃO, CONTRA A POSITIVIZAÇÃO DA FILOSOFIA

Mirian Jorge Warde¹

Introdução

Assinalo, preliminarmente, meu estranhamento diante da inclusão da Filosofia entre as Ciências Humanas, tal como foi proposto para o lema deste Em Aberto, falo que por si só merece uma longa e aprofundada discussão. Entretanto, não há como tratar, aqui, a questão com a amplitude e radicalidade que exige. Por outro lado, não vejo como dela escapar, já que o próprio exame das contribuições da Filosofia para a educação me impõe a explicitação da forma como compreendo a Filosofia e suas relações com outros saberes. E, afinal, a série **Contribuições...**, ao ser aberta com o tema da Filosofia, dispõe a oportunidade de abordar as formas de interlocução da Educação com os diversos níveis e âmbitos do conhecimento e desses entre si.

Dentro de estreitos limites inicio, assim, o exame do tema com uma análise sobre a Filosofia e suas relações particulares com as ciências, para, na segunda parte, abordar as relações da Filosofia com a educação.

Nos dois momentos do texto, procurei manter-me dentro de alguns marcos históricos para proteger meus esforços conceituais da tentação, sempre presente, de se converterem em meros exercícios lógicos e para escapar da pretensão de deitar normas para a Filosofia antes de ter aprendido, com ela, a fazer a crítica.

Alerto para esses meus cuidados porque, após as primeiras investidas sobre o lema — Filosofia e Educação — abandonei, há um certo tempo, a vestimenta de intrépido aventureiro que adentra uma floresta inóspita

¹ Professora Associada da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

e a golpes de facção abre clareira para montar acampamento e tomei o tipo do incauto andarilho que pode, a qualquer passo pisar inadvertidamente em terreno pantanoso, do qual nem Barão de Munchhausen se imaginaria capaz de escapar. Por isso, sem as graças do visionário, tento uma saída pelas bordas, para poder, primeiro, me equilibrar.

O Positivismo e a Filosofia

Os caminhos percorridos pela Filosofia neste século e a crise em que mergulhou contemporaneamente foram fortemente determinados pelos destinos para ela traçados pelo positivismo

Essa vertente de pensamento postulou e difundiu — para além das suas fronteiras — duas leses decisivas. A primeira diz respeito a evolução das ciências e das suas relações com a Filosofia: até o período moderno Ciência e Filosofia se confundiam, constituíam um só corpo: ao ganharem maturidade, as ciências teriam, ao mesmo tempo, se autonomizado e abandonado a casa materna.

A segunda tese se refere ao destino da Filosofia diante do fato de que as ciências, ao se independerem, dela não mais careceriam para a construção de certezas universais e objetivas. A Filosofia, nesse processo, tenderia a fornecer ou mudar de natureza e função.

Mesmo que esse segundo postulado tenha gerado mais polêmicas e faccionismos e tenha, conseqüentemente, ocupado o coração e a mente dos filósofos e de cientistas mais inquietos (a ponto de não ser abusivo afirmar que toda polêmica em torno da questão se identifica com os caminhos mesmos da Filosofia há quase um século e está na raiz de sua crise), penso ser mais acertado dar atenção preliminar ao primeiro postulado, já que a afirmação da lese do desaparecimento e ou metamorfose da Filosofia radica no suposto evolucionista segundo o qual ela representa a forma pré-histórica das ciências: enquanto tal, ou a

Filosofia sai de cena. porque perde a razão de ser, ou se transforma, e, ao se transformar deve abrir mão da pretensão de ser conhecimento objetivo e universal; tem que abandonar a intenção de continuar a ser fonte de saber.

Dar atenção ao referido postulado evolucionista significa operar sobre ele a crítica radical; implica evidenciar seu caráter a-histórico, a sua condição de construção abstrata e buscar seu fundamento numa concepção que tem necessidade de se apresentar como demiúrga de uma nova era, em relação à qual tudo o que antecedeu só pode se afigurar uma longa e demorada preparação para o seu advento.

Assim, Comte apresentou sua Filosofia Positiva, a partir da qual as anteriores são explicadas e diante da qual todas se esvaem, já que é "a única capaz de fornecer as aspirações suscetíveis de prevalecerem em todos os indivíduos e em toda a parte." ¹

Comte tornou clássica a interpretação das três etapas da humanidade (teológica, metafísica e positiva) e fez dela a chave explicativa para todos os acontecimentos históricos, em todos os tempos. Segundo sua perspectiva, as etapas percorridas pela humanidade são a expressão das idéias e costumes reinantes entre os homens; o mesmo ocorre com a etapa presente que, no entanto, não se plenifica na sua positividade porque nela restam elementos "espirituais" das etapas pregressas (restam resíduos de "negatividade"). Esses elementos devem ser expurgados pela universalização dos princípios da "Filosofia Positiva" (ou "Física Social"), pela disseminação do espírito científico. ²

¹ COMTE, A. *Système de politique positive*, apud TRINDADE, Liana **Raízes Ideológicas das teorias sociais**, p. 120 Retomei, para fins dessa análise a primeira parte de minha tese de doutoramento, **Liberalismo e educação** da qual retirei trechos quase que literais.

² "Só com a organização intelectual e moral, que cessasse a Indagação dos Indivíduos sobre temas que estavam acima de suas faculdades. é que a unidade e a unanimidade social seriam recuperadas, porque," diz Comte, "o consenso, Idéia-Mãe da estática social, é a base racional da nova Filosofia política..."
Cl. WARDE, M. J. **Liberalismo e educação**. São Paulo, PUC, 1984. p 77 (lese de doutorado)

Mas, a reorganização intelectual e moral, necessária à nova ordem e condição para o seu progresso, deveria se basear no conhecimento positivo das leis naturais que regem a sociedade e deveria resultar na "resignação" a essas leis. ³

Dessa forma, Comte concebeu o lugar, a natureza e a função da Ciência: ordenar a sociedade para que as questões políticas fossem tecnicamente administradas; guiar os espíritos positivos (cientistas) nessa missão, bem como na de converter a Ciência em indústria (técnica de produção) para "indagações" dos "inquietos", para quem as respostas estavam além das suas "faculdades": a ela caberia calar o senso comum e a Filosofia, até porque um se alimenta do outro.

Observação, experimentação e comparação são as regras básicas da ciência positiva; ciência que universaliza para o estudo dos fatos humanos as leis da natureza. Educar-se nas suas regras é aprender a aceitar a lei da sociedade como se aceita as leis da natureza; é imbuir-se do espírito positivo que rejeita a "negatividade" como princípio do conhecimento e como princípio político.

Nessa concepção, conteúdo (teoria social) e método (regras da observação, experimentação e comparação), subjetividade e objetividade se identificam, pela dissolução dos primeiros termos nos segundos.

Comte ofereceu a régua e o compasso para a concepção positivista da Ciência, levada adiante pelos seus seguidores e, é certo que inadvertidamente, por muitos dos seus críticos. Quicá tenha sido Durkheim quem, dentre os bons herdeiros, melhor aprendeu a lição e o manejo dos instrumentos. Como tal, não fez apenas assimilar e difundir a concepção comteana de Ciência, depurou-a dos seus "resíduos metafísicos" (leia-se

³ "(...) o espírito positivo tende a consolidar a ordem mediante a elaboração racional de uma sábia resignação, diante dos males políticos incuráveis (...) Uma verdadeira resignação — isto é. uma disposição permanente a suportar com firmeza e sem esperança de compensação todos os males inevitáveis — somente pode provir de uma profunda compreensão do vínculo existente entre todos os tipos de fenômenos naturais e leis invariáveis". COMTE. A. Apud WARDE, M.J. op. cit., p. 78.

filosóficos") e demarcou, decisivamente, as fronteiras entre a Ciência, de um lado, e a Filosofia e o senso comum, de outro.⁴

Melhor que o seu (renegado) Mestre, Durkheim traçou uma tarefa para o futuro promissor das ciências: evitar o contágio com as especulações filosóficas e indicou uma saída para a Filosofia, caso houvessem interessados na sua sobrevivência; abandonar a interlocução com o senso comum e adotar, em definitivo, a Ciência como única via de cognição da realidade e campo exclusivo das meditações sobre o conhecimento. Para o senso comum (suas paixões, crenças, valores etc), um destino: ser objeto de estudos objetivos e ser domado pela educação científica e moral.

Sob essa forma mais acabada, o positivismo firmou e difundiu aqueles postulados-chave sobre a Filosofia. Para isso, então, teve que efetuar várias operações: 1) afirmar toda a realidade como Natureza; 2) anular a dualidade Subjetividade-objetividade, através da dissolução da primeira na segunda e de ambas na Natureza; 3) elevar a empiria à condição de única expressão ontológica positiva e, por decorrência, única via legítima de acesso ao real; 4) suprimir o direito da Filosofia de legislar e exercer jurisdição sobre as questões do conhecimento, tal como vinha fazendo através da Teoria do Conhecimento, para postular em seu lugar a Epistemologia como Teoria da Ciência (exposição sistemática e normativa dos procedimentos da investigação científica);⁵ 5) fornecer apoio logístico à Psicologia para se constituir em ciência herdeira de lemas Gnoseologia (Teoria do Conhecimento), bem como dos lemas sobre o humano individualmente considerado, já que os relativos ao coletivo haviam sido entregues à sociologia.⁶

⁴ Para exame desses lemas em Durkheim são fundamentais **Le Socialismo e As regras do método sociológico**, especialmente os prefácios às 1ª e 2ª edições

⁵ Mesmo não concordando com muitas de suas análises e com quase todas conseqüências que delas derivam, julgo indispensável a consulta a J. Habermas sobre a translocação da teoria da Ciência empreendida pelo positivismo. A título de sugestão, ver **Conocimiento Interés**.

⁶ Durkheim, nas obras acima indicadas, apresenta com clareza a forma como concebe a Psicologia e a Sociologia como ciências específicas e Complementares

As duas últimas operações citadas, particularmente a entrega de lemas da Filosofia à Psicologia, são empresa exclusiva do positivismo e representam uma viga mestra para a sustentação das suas teses sobre a Filosofia e seu destino. Questões morais deveriam ser investigadas como expressões da atividade e do comportamento dos indivíduos e deveriam subordinar-se ao controle de técnicas psicológicas. Interrogações sobre o conhecimento em geral e as condições de possibilidade de o Sujeito Cognoscente alcançar a objetividade e a universalidade, que constituíam apreensões basilares da Teoria do Conhecimento tal como ela foi modernamente instituída pela Filosofia, deveriam ser substituídas por investigações empíricas sobre os mecanismos nervosos e deveriam redundar em respostas sobre eventos observados, cuja regularidade e repetição, essas sim, descreveriam o Sujeito que conhece e seus atos cognoscitivos. no limite positivo dos seus estados físicos e fisiológicos.

Psicologia e Epistemologia (enquanto descrição e postulação de regras de investigação), complementarmente, encerrariam, para o positivismo, as tarefas da Filosofia.

A eficácia das transmutações operadas pelo positivismo (e só (oram destacadas as mais fundamentais) evidencia-se no alcance e difusão das lesões por ele instituídas. O processo complementar de construção da Psicologia e da Epistemologia, nos termos acima indicados, por si só já explicita a função do suposto evolucionista da passagem da Filosofia à Ciência e, por decorrência, do suposto da morte metamorfose da Filosofia.

Ora, tornada a Psicologia herdeira dos temas da Teoria do Conhecimento e convertida essa em Teoria da Ciência, eslava engendrada a ilusão de que ambas seriam a expressão madura, positiva, da Filosofia, cuja história, contada de um certo jeito, só poderia nelas desembocar.

O privilegiamento da Psicologia, aqui, para fins de análise dos problemas implicados nas teses do positivismo não é casual: afinal, ela efetivamente desempenhou (e continua desempenhando) função privilegiada. Por isso mesmo, oferece exemplos lapidários para a crítica daqueles postulados: ao se tornar herdeira da Filosofia, a Psicologia efetuou drásticos reducio-

nismos em conceitos nos quais ela pretendeu aplicar o método da verificabilidade científica. Não é fácil, entretanto, acompanhar o desempenho da Psicologia em relação aos diversos conceitos de que se apropriou, porque sua história, ainda que breve, é marcada por descontinuidades e rupturas abruptas (e isso tem a ver com a própria incapacidade de subordinar conceitos com os quais ela se movimenta, por voga ou oportunismo, aos ditames da cientificidade positivista).

Exemplo acabado é o da categoria de Consciência, construída pela Teoria do Conhecimento, que a Psicologia tentou, por todos os meios, reduzir a comportamentos passíveis de mensuração; até que, insubordinável, a categoria foi abandonada como referência aos processos de cognição (que tinha algo a ver com sua tradição filosófica) e ganhou denotações totalmente diversas (tais como, manifestação do "psiquismo humano" ou, mais recentemente, indicador de "opção ideológica").

Bom exemplo esse para provar quão ilusória é a tese de que a Psicologia é a manifestação de maturidade científica no trato de questões desentranhadas da Filosofia. É bom exemplo, também, para mostrar a falácia das incursões históricas que a Psicologia executa no âmbito filosófico a fim de encontrar os antecedentes dos conceitos, nascidos sim naquele âmbito, mas sob a forma como ela os definiu ou operacionalizou. Missão sempre fadada ao fracasso ou, o que é pior, a distorções históricas e lógicas; afinal, um conceito carrega as marcas da sua história, das quais não é possível se desembaraçar sem que se admitem essas marcas como constitutivas do próprio conceito.

Para encerrar essa parte, nos limites previstos, restam, ainda, algumas breves considerações sobre os rumos da Filosofia, após o impacto do positivismo.⁷

⁷ Tão fundamental quanto rastrear os rumos contemporâneos da Filosofia é examinar, em profundidade, os antecedentes filosóficos que permitiram o florescimento do Positivismo; para tanto é preciso estudar os vínculos do Positivismo com o Kantismo e o lugar da crítica hegeliana. Para uma boa polêmica sobre o lema, sugiro, com as mesmas ressalvas da nota S. J. Habermas na obra referida e no artigo **A filosofia como guardador de lugar a como Intérprete**, bem como R. Rorty, **A Filosofia e o espelho de natureza**, especialmente a segunda parte, com o qual Habermas estabelece interlocução no citado artigo.

São muitas as formas através das quais herdeiros e opositores levaram à frente a tese da morte/metamorfose da Filosofia. Dois fatores tornam especialmente complexo o exame dessas formas, quando se tem por perspectiva não apenas a descrição daqueles rumos, mas a crítica radical do positivismo.

O primeiro refere-se ao fato de que, contraditoriamente, a tese da morte definitiva da Filosofia, em toda sua extensão e conseqüência, não foi levada adiante senão individualmente ou por grupos restritos de pensadores.⁸ Necessário é verificar como e porque a maioria das "escolas de pensamento" nascidas ou derivadas do positivismo implementou a tese da transformação e, mais do que isso, acabou por se autodenominar ou por aceitar a alcunha de "filosofia".

Um aspecto parece-me o mais importante de ser examinado: o fato de ser mais condizente com o positivismo o implemento da tese da transformação e não o da morte da Filosofia, tendo em vista seus intentos originais de longo alcance ("apresentar-se como demiurga de uma nova era..."). O que eslava em jogo, então, era a morte de uma determinada Filosofia, que opera a crítica, que induz à reflexão; Filosofia que projeta para além do imediato, que "inquieta" e que admite a possibilidade de negação do real (sob a forma idealista ou materialista). Morte dessa Filosofia, para que a própria Ciência Positiva pudesse fazer-se, toda ela Filosofia. Mas, essa transformação não poderia se dar, de fato, sem uma alteração radical no conceito de Filosofia, na delimitação do seu campo, dos seus limites e das suas funções.

Assim é que penso ser fundamental verificar a participação específica do positivismo na dissolução da concepção clássica de Filosofia e na disseminação de concepções difusas, nas quais foram introduzidos conteúdos tais como: visão de mundo, conjunto de valores, ideologia, amálgama de idéias, epistemologia/lógica, pressupostos científicos, senso comum, inquietações cotidianas etc. etc.⁹

⁸ Penso ser indispensável considerar, aqui, como um raro exemplo dessa posição. Wittgenstein e o Circulo de Viena, cujas obras, afinal, foram até hoje muito pouco difundidas

⁹ Para efeito desse raciocínio, é muito fértil trabalhar com expressões como as de Skinner e Popper que não titubearam em afirmar que tinham genuínos problemas filosóficos e que produziam a mais autêntica filosofia. Skinner inicia sua obra **About behaviorism**

O segundo aspecto fundamental a ser considerado diz respeito à lese marxiana de superação da Filosofia, que não foi ainda devidamente decidida e, no entanto, já provocou as mais diversificadas e confusas apropriações, destacadamente a que opera a identificação entre essa tese da **superação** e aquela da **morte** da Filosofia, cunhada pelo positivismo.¹⁰

A Filosofia e a Educação

A educação constitui um campo onde os impactos do positivismo se fizeram sentir com toda a força. Não é possível, aqui, indicá-los na sua extensão, mas é possível, pelo menos, apontar como as ciências humanas foram chamadas a construir o suporte teórico e a organizar a educação, bem como o lugar e a função reservados à Filosofia.

Apesar dos intentos de definição e construção de pedagogias, enquanto teorias fundamentadoras e orientadoras das práticas educacionais, a educação permaneceu estruturalmente sujeita aos apelos praticistas.

Ela se tornou campo propício ao desenvolvimento dos modelos positivistas e às apropriações irrefletidas dos resultados científicos, até porque

escrevendo: "O behaviorismo não é a ciência do comportamento humano. É a filosofia dessa ciência". Penso ser decisivo examinar, por outro lado, o que significam as posições de Popper sobre a Filosofia, pautadas na idéia de que "todos os homens e mulheres são filósofos, embora uns mais, outros menos" (p.86) ou na confissão de que "eu sou um administrador do senso comum, embora não de todo ele; acho que o senso comum é nosso único ponto de partida possível" (p. 96): e o que significam as posições de Gramsci sobre a Filosofia, expressas em termos genericamente semelhantes nos seus diversos escritos carcerários. Há que se verificar essas significações no interior da estrutura de pensamento de cada um, para que possam ser cotejadas. É sobre essa espécie de empreendimento que eu me retiro no texto. De Popper destaco o texto acima citado. **O que entendo por filosofia**, e de Gramsci. **Concepção dialética da história e Os Intelectuais e a organização da cultura.**

¹⁰ Considero essa a mais séria questão a ser enfrentada. Como não me dispus a abrir a discussão sobre que perspectiva filosófica considero em condições de enfrentar a crise da Filosofia e das Ciências Humanas, deixei, intencionalmente, de desenvolver a análise sobre a tese marxiana, porque preciso de mais espaço e tempo para fazê-lo com maturação. Alguns textos são especialmente férteis para ruminarmos sobre o tema, como Jean Paul Sartre, **Questão de método**; H. L. Vaz, **Sobre as fontes filosóficas do pensamento de Karl Marx**, e M. Müller, **Epistemologia e Dialética e Exposição e método dialético**, só para citar os que estão à mão.

sofreu o constrangimento da interlocução quase exclusiva com a Psicologia e com a Sociologia, ciências geneticamente conformadas por aqueles modelos e, a primeira mais do que a segunda, elas mesmas fortemente sujeitas aos apelos do praticismo."

Diante da hegemonização dessas ciências sobre a educação, a Filosofia se revelou inoperante na construção das pedagogias que ganharam efetiva força material; tenha sido ela chamada a exercer a função de conceutora matricial da educação, tenha sido chamada a ocupar o lugar de guardiã da reflexão e da crítica. Prevaleceu sobre ela a "filosofia" implícita das ciências agregada à "filosofia" do senso comum.

Enquanto a Filosofia proclamava os fins, os valores para a educação, projetava o "modelo" de homem a ser gestado pelas práticas e instituições educacionais, a Sociologia e a Psicologia, pragmática e empiricamente, conformavam essas práticas e instituições.

Todo o especial esforço de crítica filosófica ao psicologismo não foi suficiente para conter a Psicologia e as psicologias na empresa de definir o educando e o educador (aliás, nomenclaturas de claro recorte psicologista); de sugerir como deve se dar o ensino; quais são os passos e ritmos da aprendizagem; como os currículos devem ser organizados; qual a didática e os métodos de ensino adequados para acompanharem o desenvolvimento da criança etc.¹²

¹¹ Em um texto produzido para o Seminário Internacional sobre "A formação e a prática do pedagogo", promovido pela Universidade Autônoma do México, em novembro de 1988, polemizo com L. B. L. Orlandi a respeito da forma como aborda as "oscilações da consciência pedagógica" um "vago teorismo" e um "Irrisório praticismo". Polemizo porque entendo que a "consciência pedagógica" (categoria abstrata, é certo) não oscila entre um coisa e outra, mas ela é estruturalmente "praticista"; as incursões teóricas da "consciência pedagógica" se fazem pauladas pelas suas demandas "praticistas" e, essas mesmas, acabam dando as balizas àquelas Incursões, que resultam, por decorrência, em "vago teorismo". Cf. ORLANDI, I. D. I., **O problema da pesquisa em educação e algumas de suas implicações** e WARDE, M. J., **A educação como objeto do conhecimento: uma abordagem histórica e epistemológica**

¹² Discuto essa questão, também, no supracitado texto. Ainda polemizando com Orlandi, detendo o ponto de vista de que as "flutuações da consciência pedagógica", que configuram a sua outra manifestação, as admitidas como expressão estrutural da referida consciência, devem ser discriminadas entre si. Ou seja, Orlandi define as flutuações como "adesão

Ora, essas considerações provocam a necessidade de se estudar como e porque a Filosofia sob a moldura mais idealista, mais abstrata, mais formalista foi a que mais tempo sobreviveu no campo educacional e foi aquela com que as ciências positivizadas mediram forças no processo de construção das teorias educacionais. Quero com isso dizer que as formas tornadas históricas, clássicas, de Filosofia com as quais o positivismo se antagonizou (filosoficamente) em sua gênese não haviam propriamente penetrado o âmbito teórico da educação. Quando isso ocorreu, não foi mais através da própria Filosofia, mas sim através das apropriações já empreendidas pelos diversos campos científicos.¹³

Se a filosofia tem se revelado impotente para demarcar o seu terreno e exercer suas funções diante das chamadas "ciências auxiliares da educação", tem se mostrado particularmente tímida para conter o crescente praticismo irrefletido que grassa nesse campo. Sintomaticamente, os apelos irracionaisistas que vicejam, hoje, em nome da crítica aos abusos

pré-crítica da consciência pedagógica a estruturas conceptuais limitadas pelos interesses das várias teorizações e práticas humanas centradas em seus objetos específicos". Há de se admitir que a flutuação da consciência pedagógica que se expressa pelo psicologismo ou a que se expressa pelo sociologismo é de natureza e alcance muito diferenciados daquela que se manifesta, por exemplo, pelo economicismo. O primeiro tipo é de caráter estrutural, conformador mesmo da consciência pedagógica; o segundo é episódico, circunstancial. Além do que os laços históricos e epistemológicos que unem a psicologia e a sociologia, no campo da educação, são muito mais profundos do que quer crer a nossa vã filosofia

³ A título de exemplo: são muito difusos os sinais Kantianos no terreno da chamada Filosofia da Educação mas a teoria do conhecimento de Kant tem marcas indeléveis na educação, através de muitas variantes da Psicologia: há que se lembrar, pelo menos, de Herbart e de Piaget.

As considerações expostas no texto estão baseadas. Implicitamente, nas noções que tenho sobre as produções teóricas no campo da educação brasileira. Penso que não sejam exclusivas daqui: mas penso também que não possam ser aleatoriamente universalizadas e nem "aplicadas" sem as devidas verificações sugeridas, porque há muitas e complexas mediações a serem consideradas. Tenho por hipótese que aqueles traços mencionados da Filosofia originalmente combatidos pelas ciências positivizadas, no campo da educação, sejam decorrentes da origem predominantemente "clerical" dos intelectuais que se incumbiram de lecionar e escrever sobre a Filosofia da Educação nos seus primórdios institucionais. Mas, essa é apenas uma hipótese de trabalho.

do racionalismo cientificista, têm conquistado terreno entre os "educadores", irmanados na atração pela prática imediatista, que encontram naqueles apelos uma autêntica saída "filosófica".¹⁴

Para encerrar, penso — à luz das questões levantadas — que a Filosofia possa dar uma efetiva contribuição à educação se ela for levada a asse-nhorar, radicalmente, de alguns temas candentes do nosso tempo. Faço coro com aqueles que entendem que duas tarefas indissociáveis estão no horizonte imediato da Filosofia e que, do seu enfrentamento, dependem as possibilidades de sua sobrevivência: a crítica radical ao cientifi-cismo positivista e o combate corrosivo aos irracionismos que se anun-ciam superadores do mal-estar de uma civilização construída sobre a ciência e a técnica, para que ela possa chamá-las à Razão.

Ao cogitar assim, a contribuição da Filosofia, expresso minha dúvida a definição de tarefas para ela que digam exclusivo respeito à educação porque, penso eu, o que esse campo está urgentemente a demandar é, exatamente, sua elevação à condição de grande tema da cultura e do conhecimento, para além dos reducionismos em que ele foi cons-trangido.

Bibliografia

DURKHEIM, E. **Le socialisme: sa definition ses debuts, la doctrine saint-simonienne**. Paris: Félix Alcan, 1928.

-----, **As regras do método sociológico**. 12. ed., São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro. Civiliza-ção Brasileira. 1968.

-----, **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1968.

¹⁴ Ao que parece, a Psicologia não se encontra ameaçada nesse processo; um sinal disso é muito inquietante e atual horror que a antiga paixão pela curva de Gauss vem despertando em troca da atração pelas coisas da mais "pura sensibilidade" Husserl tinha razão: não dá para entregar problemas humanos tão sérios a uma ciência excessivamente ciclotímica e dependente da empiria!

HABERMAS. J. A Filosofia como guardador de lugar e como intérprete. **A consciência moral e agir comunitativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1989.

----- **Conocimiento e interés**. Madri: Taurus, 1986.

MULLER. M Epistemologia e dialética. **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, Campinas: Unicamp, Supl. 2, 1981. p.5-30.

----- Exposição e método dialético, em "O Capital". Belo Horizonte, SEAF-MG. **Boletim** n. 2, dez., 1982. p. 17-41.

ORLANDI. L.B.L. O problema da pesquisa em educação e algumas de suas implicações. **Educação Hoje**, mar/abr. 1969. p.7-25.

POPPER. K. O que entendo por Filosofia. **Lógica das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

RORTY R. **A filosofia e o espelho da natureza**. Lisboa: Dom Quixote, 1988.

SARTRE, J. P. **Questão de método**. São Paulo: Nova Cultural. (Col. Os pensadores).

SKINNER, B. F. **About behaviorism**. New York: Alfred Knoff, 1974.

TRINDADE, L. **As raízes ideológicas das teorias sociais**. São Paulo: Ática, 1978.

VAZ, H. L. Sobre as fontes filosóficas do pensamento de Karl Marx. In: CHASIN, J. org. **Marx Hoje**, 2. ed., São Paulo: Ensaio, 1988 p.161-175.

WARDE, M.J. **Liberalismo e educação**. São Paulo: PUC-SP, 1984. (Tese de doutorado)

A educação como objeto do conhecimento: uma abordagem histórica e epistemológica. México, **Anais** do Seminário Internacional sobre a formação e a prática do pedagogo, UNAM México. 1988.